

Editorial

O número 11 da Rebeca traz a versão online do dossiê organizado por Denize Araújo em torno do tema Convergências no/do cinema, que norteou o XX Encontro da Socine em 2016, acrescido de entrevistas realizadas com convidados do evento. O dossiê compôs um número especial impresso que visava atualizar, na brochura, uma memória coletiva do Encontro anual da Socine, e, ao mesmo tempo, comemorar a marca de cinco anos de sua valiosa contribuição para a divulgação de pesquisas em cinema e audiovisual com acesso livre e internacional.

O pesquisador brasileiro Arlindo Machado abre o Dossiê com o texto “Um cinema do cotidiano?”, onde interroga a produção de filmes caseiros como possibilidade de entender o cotidiano como parte integrante da história. Em seguida, o artigo do professor da Universidade Autônoma de Barcelona Josep M. Català Domènech, intitulado “*Selva de imaginarios: hibridación y convergencia en el documental contemporáneo: el caso español*” defende o documentário contemporâneo como “um laboratório estético onde se ensaiam novas dramaturgias da imagem”, que demanda a reconsideração de aspectos tecnológicos, teóricos e epistemológicos. Fernando Andacht também irá abordar o documentário, com ênfase na obra de Eduardo Coutinho, em “Elementos teóricos para revisar la distinción persona/personaje en el cine documental de Eduardo Coutinho”, texto que propõe uma revisão da noção de personagem no cinema do diretor brasileiro. Na sequência, Fábio Raddi Uchôa, com “Cinzelamento: da teoria letrista à prática cinematográfica de Maurice Lemaitre, o caso *O filme já começou?* (1951)”, oferece uma discussão do gesto de cinzelamento e seu desdobramento na relação entre imagem, palavra e som. O texto que lhe segue é do pesquisador William Brown (University of Roehampton), “Cinema and/as convergence”, que busca mostrar a convergência entre cinema e mundo e, principalmente, entre o mundo e o cinema como negócio. Também sediada na Inglaterra (University of Reading), a pesquisadora brasileira Lucia Nagib contribui com o artigo “Antropofagia e intermedialidade: usos da

literatura colonial no cinema modernista brasileiro”, em que analisa o uso de diversos materiais do período colonial no filme *Como era gostoso o meu francês* (Nelson Pereira dos Santos, 1970-72) para mostrar que a heterogeneidade não-hierarquizada desses materiais sugere uma política não-derrotista, na contramão do cinema moderno brasileiro da época do filme. O pesquisador americano Henry Jenkins, por sua vez, em “On cinema and convergence”, toma a franquia *Star Wars* e o Universo Expandido da *Marvel* para explorar a interatividade com o público que caracteriza esses universos. Por fim, Denize Araújo, com o texto “Convergências dialógicas, intertextuais e confessionais”, explora o potencial da noção de intertextualidade para o estudo da autobiografia.

A apresentação do dossiê assinada pela editora da versão impressa será mantida, em seguida, tal qual a versão impressa, respeitando a escrita atenta e cuidadosa da organizadora, Denize Araújo, a quem agradecemos pelo intenso trabalho e vigorosa dedicação à realização do número especial da Rebeca, lançado durante o XXI Encontro da Socine, na UFPB, em João Pessoa, PB.

Nesta versão online, a revista apresenta, em caráter inédito, a seção livre, acolhendo um conjunto de artigos que contribuem para revista de forma particular com a diversidade de olhares que caracteriza a seção. O artigo “A cena do conflito, o processo na montagem: reflexões sobre *Cinco câmeras quebradas*”, de Maria Ines Dieuzeide Santos Souza, usa a noção de filme-processo para discutir como, no filme de Emad Burnat, a violência, ao marcar esse processo, acaba por reger a própria concepção do filme. Já em “O “significado” e os “movimentos” de *Casas Marcadas*: O impacto de um webdocumentário num Rio de Janeiro em transformação”, Tori Holmes (Queen’s University Belfast), parte dos Estudos Culturais para discutir a influência do filme sobre o debate sobre remoções e transformações urbanas no Rio de Janeiro. Em seguida, Maria Castanho Caú discute, em “O roteirista como escritor, o roteiro cinematográfico como literatura” a possibilidade de pensarmos a publicação de roteiros como modo de inserção do cinematográfico no espaço literário. Por sua vez, o artigo “Refletindo sobre golpes duros e brandos: uma comparação de *Aquarius* de Kleber Mendonça Filho e *Terra em Transe* de Glauber Rocha”, de Carolin Overhoff Ferreira, compara os

filmes e seus contextos históricos para poder avaliar a capacidade das obras de mover, comover e levar à ação política. Encerrando os textos dessa sessão, Luiza Cristina Lusvarghi apresenta, no artigo “*Beasts of No Nation*: a África intercultural da *Netflix* e o futuro do cinema”, uma discussão sobre o formato, o gênero e os modos de circulação do filme de Cary Fukunaga.

Neste número, temos duas entrevistas realizadas com o pesquisador Noel Carroll onde Fernão Ramos e Denize Araújo discutem temas como especificidade do meio cinematográfico e a questão das convergências no campo audiovisual contemporâneo.

Por fim, a seção Fora de Quadro apresenta um conjunto de poemas do escritor e professor paraibano Expedito Ferraz Júnior que trabalham as tensões entre cinema e literatura, palavra e imagem.

Sabemos que a cada novo número um corpo coletivo se mobiliza para constituir a materialidade da revista e sua gradual consolidação no campo da pesquisa de cinema e audiovisual. Assim, agradeço imensamente a todas as pessoas envolvidas tanto na publicação impressa quanto nesta online, desde as autoras e autores que contribuíram com seus textos, até aquelas envolvidas nos processos internos de secretaria, avaliação ad hoc, revisão, diagramação e divulgação da Rebeca. É com a alegria de contar com essa inestimável colaboração que compartilho este número 11 da Rebeca, desejando a todas e todos uma ótima leitura!

Alessandra Soares Brandão